

**OS CERAMISTAS JÊ NOS ARRANHA-CÉUS DO ALTO RIBEIRA: UMA ANÁLISE ESPACIAL
ITARARÉ-TAQUARA**
JÊ POTTERS IN THE SKYSCRAPING OCCUPATIONS OF THE UPPER RIBEIRA BASIN: AN
ITARARÉ-TAQUARA SPATIAL ANALYSIS

Fernando Ozorio de Almeida
Rucirene Miguel
Rafael Pedott
Ricardo Monma
Filippo Stampanoni Bassi
Daniella Magri Amaral

Vol. XIV | n°27 | 2017 | ISSN 2316 8412



Os ceramistas Jê nos arranha-céus do Alto Ribeira: uma análise espacial Itararé-Taquara

Fernando Ozorio de Almeida¹

Rucirene Miguel²

Rafael Pedott³

Ricardo Monma⁴

Filippo Stampanoni Bassi⁵

Daniella Magri Amaral⁶

Resumo: Áreas de cristas de serras e vertentes de elevadas inclinações são raramente tidas como possuidoras de alto potencial arqueológico, entretanto, na bacia do alto rio Ribeira, na divisa entre os Estados do Paraná e São Paulo, é possível encontrar uma série de ocupações pré-coloniais de grupos produtores de cerâmica vinculada à Tradição Itararé-Taquara e observar áreas de atividades pertencentes a esses assentamentos. O objetivo deste artigo é apresentar a análise de aspectos espaciais intrassítios e intersítios e a interpretação da cronologia dessas ocupações localizadas em locais de relevo acidentado, tendo como base os elementos materiais encontrados em dois sítios recentemente escavados na região.

Palavras-chave: Ocupações de Altitude; Jê do Sul; Análises Intra e Intersítios; Líticos; Cerâmica Itararé-Taquara.

Abstract: Mountain hill tops and slopes are rarely known for their high archaeological potential. However, a didactical exception can be found in the Upper Ribeira Basin, near the border which divides the Brazilian States of São Paulo and Paraná, where it is possible to observe pre-colonial occupations of Itararé-Taquara pottery producers and activity areas related to these sites. Based on the material elements of two recently excavated sites of this region, our aim is to present a spatial intra and inter-site analysis and the interpretation of the chronology of these rough terrain occupations.

Keywords: High Altitude Occupations; Southern Jê; Intra and Inter Site Analysis; Itararé-Taquara Pottery.

INTRODUÇÃO

A arqueologia dos grupos ceramistas pré-coloniais da região do alto rio Ribeira tem revelado, desde os primeiros estudos, uma grande variabilidade de compartimentos topográficos ocupados. Apesar da ocasional presença de sítios com cerâmica Guarani, é clara a ampla predominância regional de sítios

¹ Doutorado em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil. Professor do Departamento de Arqueologia e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil.

² Mestrado em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil. Arquivos da Terra Assessoria e Consultoria em Recursos Culturais.

³ Bacharel em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil.

⁴ Bacharel em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil. Arquivos da Terra Assessoria e Consultoria em Recursos Culturais.

⁵ Doutorado em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil. Arqueólogo do Museu da Amazônia.

⁶ Doutoranda em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo MAE/USP), Brasil.

vinculados à Tradição Itararé-Taquara, indústria relacionada a grupos de línguas Macro-Jê. Este artigo busca discutir dois sítios que se enquadram nessa tradição.

Nos trabalhos realizados por Robrahn (1989), a autora indica que nada menos do que 60% dos sítios (Itararé) levantados por ela e colegas se encontra em áreas de vertente média ou alta, ou de cristas de serras. Os dois sítios aqui discutidos, Bela Vista e Alto do Laranjal, também ocupam áreas de crista de serra, o último sítio ocupando também a média vertente de um morro com alta declividade. O que não significa que áreas de fundo de vale e baixa vertente não foram habitadas. Até o presente, todos os trabalhos realizados na região do médio e alto Ribeira (MIGUEL et al., 2014; BARRETO, 1988; CHMYZ, SGANZERLA E VOLCOV, 1999; DEBLASIS, 1996; PARELLADA, 2005; ROBRAHN, 1989) confirmam a existência de sítios nesses compartimentos.

Desses estudos, é possível destacar as pesquisas realizadas por Chmyz, Sganzerla e Volcov (1999) no sítio Morro dos Anjos, um sambaqui fluvial com cerâmica Itararé-Taquara onde foi identificada uma série de sepultamentos. A aparente ausência de sepultamentos nos demais sítios pode indicar uma utilização de áreas funerárias específicas, ideia que será retomada adiante. Trata-se do primeiro indício dessa variabilidade na forma de ocupar o espaço por parte dos grupos Jê pré-coloniais. Um segundo elemento seria a presença de material Itararé-Taquara de abrigos sobre rocha, descritos por Robrahn para o médio Ribeira, presentes também no alto curso do rio (GOTTARDI NETO, 1995; MIGUEL et al. 2014). As chamadas casas subterrâneas aparecem igualmente na região (CHMYZ, SGANZERLA E VOLCOV, 1999, p. 105; PARELLADA, 2005, p. 235), mas em menor número do que em outros contextos Jê do Sul (e.g. BITENCOURT E KRAUSPENHAR, 2006; COPÉ, 2006; CORTELETTI, 2013). Também foram identificadas uma série de estruturas vinculadas aos sítios, como de pilões e afiadores, e valas (MIGUEL et al. 2014).

A partir da apresentação dos dados obtidos provenientes da escavação dos sítios Alto do Laranjal e Bela Vista – este último realizado de maneira intensiva – pretende-se oferecer elementos que contribuam para demonstrar a maneira criativa com que os grupos Jê ocuparam e transformaram espaços da paisagem abrupta do alto rio Ribeira. Especificamente, pretende-se aqui discutir as ocupações de média e alta vertente e de crista de serra. Será dada uma atenção especial para a interpretação das estruturas de combustão identificadas, os conjuntos líticos e cerâmicos relacionados a elas, as datações provenientes dos carvões nelas coletados, elementos que permitirão inferências sobre o uso do espaço interno dos sítios, da relação intrassítios, assim como sobre a cronologia de ocupação regional.

O ALTO RIBEIRA E OS SÍTIOS BELA VISTA E ALTO DO LARANJAL

O rio Ribeira nasce na vertente leste da serra de Paranapiacaba, cortando esse compartimento e a Serra do Mar. Possui como principais contribuintes os rios Piedade, Pardo, Turvo, Capivari e Açungui, e deságua no oceano Atlântico. O vale do Ribeira integra as regiões planálticas à planície litorânea ao longo

de uma extensa “zona de transição”, colocando em contato paulatino os dois ambientes distintos (MAACK, 1947).

A subunidade morfoescultural denominada Planalto Dissecado de Adrianópolis apresenta dissecação alta e ocupa uma área de 2.342,56 km². As classes de declividade predominantes estão entre 12-30% em uma área de um total de 636,91 km² e 30-47% em uma área de 736,41 km². Em relação ao relevo, apresenta um gradiente de 1060 metros, com altitudes variando entre 100 (mínima) e 1160 (máxima) metros acima do nível do mar. As formas de relevo podem apresentar topos alongados e em cristas, vertentes retilíneas e vales em “V” aberto. A direção geral da morfologia varia entre NW-SE e NE-SW, modelada em rochas da Formação Votuverava do Grupo Açungui (MINEROPAR, 2006).

O sítio Bela Vista (coordenada S24 43.657 W48 59.292) encontra-se a uma altitude de 635 m acima do nível do mar⁷. O material lítico e cerâmico foi identificado em uma superfície no topo de morro, uma área de cabeceiras de pequenas drenagens, afluentes do córrego Laranjal (localizado a leste), tributário da margem esquerda do Ribeirão Grande e do Paiol (a oeste), tributário da margem direita do Ribeirão Carumbé, ambos contribuintes da margem direita do Rio Ribeira (Figura 1). Trata-se de uma área de nascentes, na qual o sítio possui uma posição ímpar, com ampla visão do vale que ali se inicia e do entorno dele. Na época da escavação, o local do sítio e o seu entorno possuíam plantios de mandioca e feijão (MIGUEL, et al. 2013).

O sítio Alto do Laranjal (coordenada S24 43.783 W48 59.045) foi identificado durante atividades de reconhecimento do entorno do sítio Bela Vista, um sítio localizado em frente ao outro, em lados opostos do vale que ali se origina. Semelhante ao sítio Bela Vista, o sítio Alto do Laranjal também possuía vestígios em áreas de crista da serra. A identificação desse sítio, no entanto, não se deu a partir da prospecção dessa crista.

Os achados iniciais, cerâmica e lítico (este em grande quantidade), ocorreram na média vertente de um morro com grande declividade ($\pm 45^\circ$), declividade que tornava o local improvável para a existência de um sítio arqueológico. O material foi identificado principalmente em áreas erodidas em virtude da retirada da mata para o pastoreio. Na Figura 2 é possível observar a área (com as duas lonas) em que foi identificada a maior densidade de material. Trata-se de uma parte da vertente com perfil convexo que possui em cada lado um segmento da vertente com perfil côncavo, e com diminuição da quantidade de material. Além disso, na área com perfil convexo foi possível observar leves aplainamentos na média vertente. Esses foram os locais considerados ideais para a realização de intervenções arqueológicas (descritas a seguir).

⁷ Escavado como parte do Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial Linha de Transmissão 138 kV Tunas-Adrianópolis.



Figura 1: Localização dos Sítios Alto do Laranjal e Bela Vista.



Figura 2: Vista do sítio Alto do Laranjal a partir do sítio Bela Vista. Os vestígios arqueológicos foram identificados na média vertente (onde estão as lonas de escavação dos arqueólogos) e na crista do morro (Foto: Fernando Ozorio de Almeida).

Escavação do sítio Bela Vista

O primeiro procedimento executado nesse sítio foi uma limpeza geral da vegetação rasteira, objetivando evidenciar vestígios espalhados na superfície. Durante a limpeza do terreno, marcou-se a presença de material arqueológico com bandeirolas. Os vestígios evidenciados, fragmentos líticos (em amarelo) e cerâmicos (em vermelho), foram registrados em um croqui. Todo esse material foi coletado. A limpeza da superfície do sítio permitiu identificar que a área com maior concentração de fragmentos era a

do topo aplainado do sítio. Em todas as direções, a partir desse topo, a densidade de material ia diminuindo enquanto a declividade ia aumentando. Essa atividade gerou, até o momento, o dado mais confiável para se inferir a dimensão do sítio: 19 x 19 m= 361 m² (Figura 3).

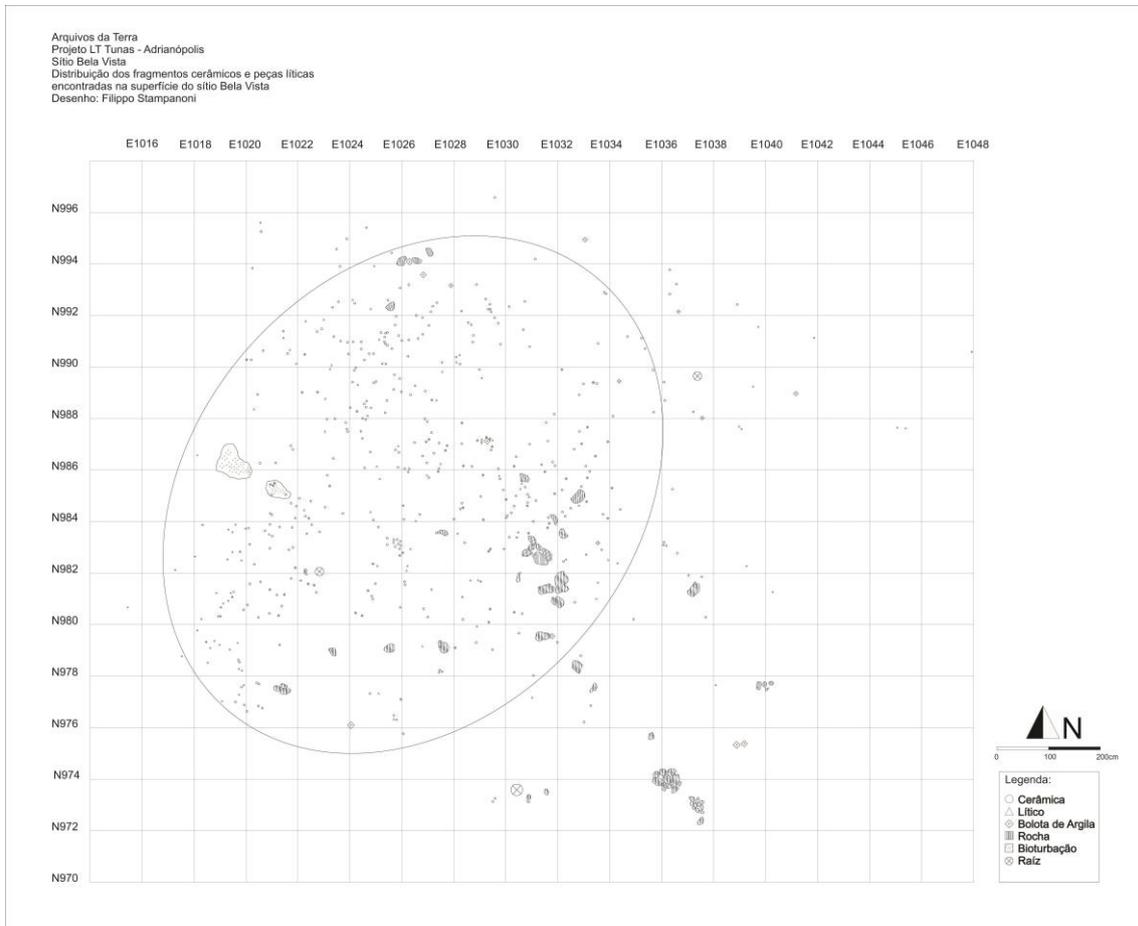


Figura 3: Inferência da dimensão do sítio Bela Vista com base na distribuição do material de superfície.

Na área de topo foram abertas 17 unidades de 2 x 2 m² e uma unidade de 2 x 1 m², totalizando 70 metros quadrados de área escavada (Figura 4). A decapagem foi feita seguindo os níveis naturais, definidos na tabela 1:

Tabela 01: Níveis naturais do sítio Bela Vista

Camada	Textura	Compactação	Cor (Escala Munsell)	Vestígios arqueológicos
IV	Argilosa	Alta	7.5 YR 3/2	Alta presença
III	Argilosa	Alta	7.5 YR 3/3	Baixa presença
IIb	Argilosa	Baixa	7.5 YR 6/6	Ausente
IIa	Argilosa	Baixa	10 YR 6/6	Ausente
Ib	Argilosa (rocha em decomposição)	Baixa	Gley 8/2.5	Ausente
Ia	Rocha consolidada	-	Gley 7/10B	-

Praticamente todo o material cerâmico e lítico foi identificado na camada IV, que possuía não mais do que 15 cm de profundidade. A densidade da camada III já era muito baixa e pode-se dizer que as demais camadas eram estéreis. A escavação das unidades rendeu um total de 1976 fragmentos cerâmicos e 275 peças líticas. A análise estratigráfica será retomada adiante

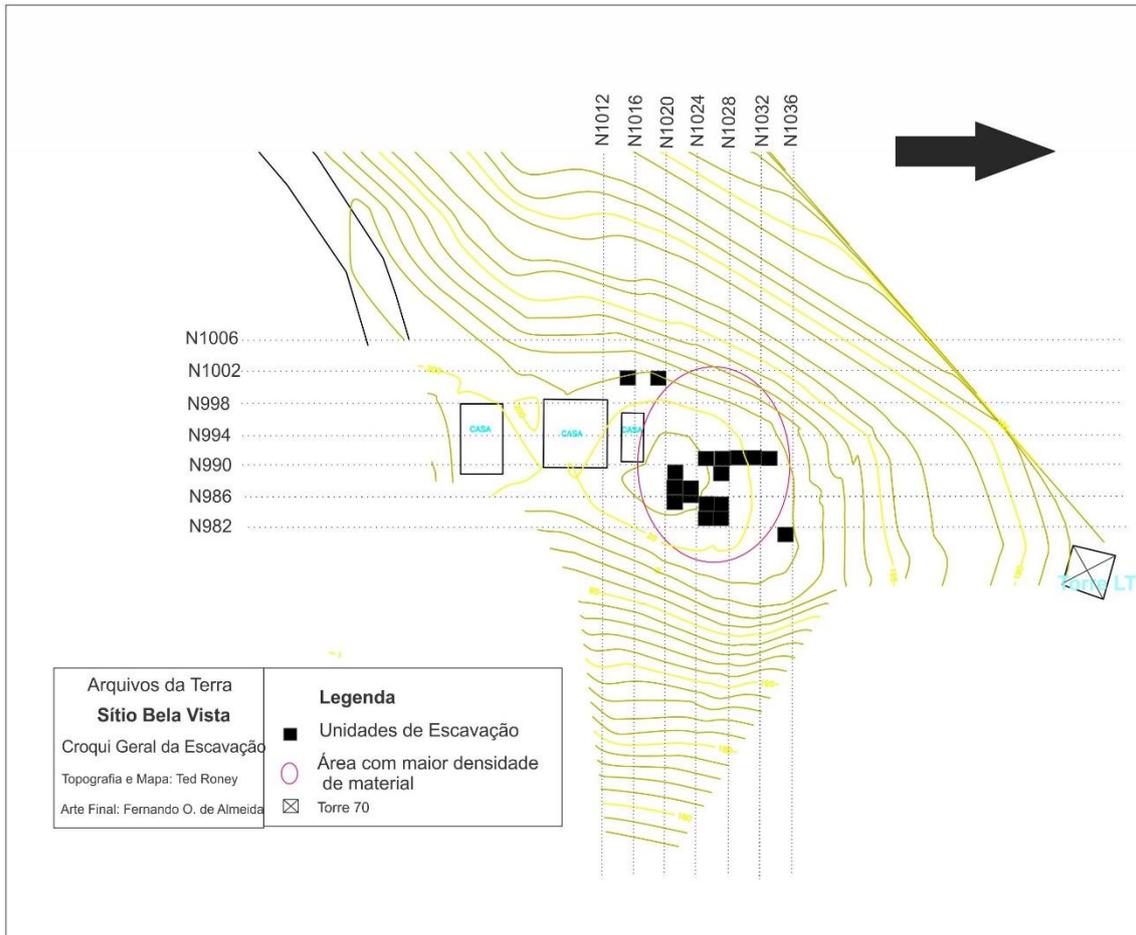


Figura 4: Unidades escavadas e topografia do sítio Bela Vista.

A escavação das unidades também permitiu a identificação de quatro estruturas de combustão (Figura 5):

A **Estrutura 1** foi encontrada no perfil sul da Unidade N986 E1026, sendo que uma pequena porção dela se estendeu para o perfil norte da Unidade N984 E1026. Essa provável estrutura de combustão (fogueira) era formada por blocos de rochas, sedimento escuro, carvão, alguns fragmentos de cerâmica e peças líticas, incluindo algumas lascas com marca de fuligem. A estrutura tem início no final da camada IV ($z = 35$ cm) e vai até o início da camada II ($z = 50$ cm). A partir da intersecção nordeste da quadra, o x (leste-oeste) varia entre 85 cm e 115 cm e o y (norte-sul) varia entre 170 cm e 3 cm para dentro da Unidade N984 E1026. Isto é, a estrutura possui aproximadamente 30 cm de diâmetro e aparenta ter sido levemente escavada dentro da camada II, não arqueológica.

A **Estrutura 2** também foi encontrada na Unidade N986 E1026, próximo ao perfil norte (quadrante NW) dessa Unidade, e corresponde a uma estrutura de combustão (fogueira) escavada no solo. A estrutura é composta principalmente por conglomerados de rochas de diferentes tipos (calcários e filitos), com presença de cerâmica em pouca quantidade, e grande quantidade de carvão. Sua profundidade varia entre $z = 20$ cm e $z = 47$ cm e possui um diâmetro de aproximadamente 50 cm (x entre 115 cm e 165 cm, e y entre 0 e 52 cm).

A **Estrutura 3** estava delimitada por rochas de tamanho variado de calcário, siltito e filito, algumas delas com marcas de quebras térmicas causadas pelo fogo, o que gerou algumas lascas. A fogueira estava situada entre as camadas IV e III, e possuía sedimento escuro no seu interior (semelhante ao da camada IV). Foram coletadas no interior dela dois fragmentos de cerâmica e material recente na sua superfície (uma embalagem de plástico e uma madeira em decomposição). A Estrutura possuía forma circular e diâmetro de, aproximadamente, 50 cm (x entre 90 e 140 cm e y entre 0 e 48 cm).

A **Estrutura 4** foi identificada na Unidade N986 E1022, uma das mais densas de material cerâmico (172 fragmentos). Essa estrutura foi encontrada na parte central da Unidade, mas especialmente nos quadrantes NW e SW. O contexto da estrutura encontra-se um pouco perturbado por raízes e pela ação de formigas. Não foram observadas as mesmas rochas angulosas encontradas nas demais estruturas, e também parece mais rasa (não mais que 20 cm de espessura) e espalhada que as demais (x entre 76 cm e 140 cm e y entre 62 cm e 142 cm), com diâmetro superior a 60 cm. Dentro da estrutura foram encontradas algumas lascas líticas e alguns fragmentos de cerâmica.

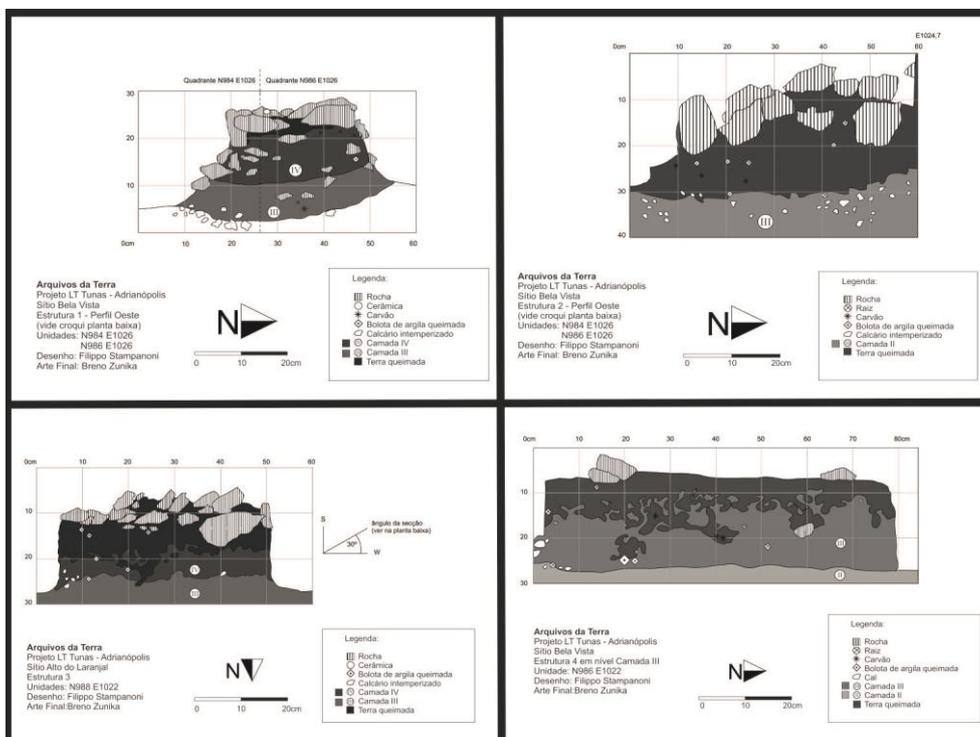


Figura 5: Perfil das Estruturas 1 a 4 identificadas no sítio Bela Vista.

Escavação do sítio Alto Laranjal

Foi apontado que a identificação do sítio Alto do Laranjal ocorreu a partir da observação de peças líticas na média vertente de um morro com declividade íngreme. Ao subir o segmento da alta vertente, que antecede a crista da serra, percebeu-se uma diminuição na quantidade de material arqueológico, que só volta a aumentar em alguns setores do topo. Ao caminhar por grande extensão da crista da serra, formada por uma alternância de topos arredondados ou aplainados, declives e selas, foi possível observar intervalos na densidade de material, que geralmente estava concentrada nos topos. Essa observação foi confirmada mediante execução de uma malha de sondagens⁸, espaçada de 20 x 20 m, na área de crista da serra (Figura 6). A proposta da execução dessa malha foi justamente a de identificar locais com grande densidade de material para a abertura de Unidades de escavação.

É muito difícil apresentar uma estimativa sobre a dimensão do sítio. Apenas a área da média vertente com grande quantidade de material lítico possui em torno de 150 x 150 m, ou seja, mais de 2 ha. A presença do material na crista pode ser observada desde a BR-476 e, contando intervalos de presença de material que podem atingir algumas dezenas de metros, segue por pelo menos um quilômetro pela crista do morro. Dessa forma, a questão da dimensão do(s) sítio(s) só poderá ser resolvida por meio da realização de estudos intensivos no local.

Os dados provenientes das sondagens levaram à abertura da Unidade N1056 E1145. Com dimensão de 2 x 2 m, essa unidade foi escavada em níveis artificiais de 5 cm. Posteriormente, com a identificação da Estrutura 1, composta por uma lente de seixos enterrados, essa unidade foi expandida para 7 m² (Figura 7). A escavação da unidade permitiu a identificação de níveis naturais, que foram utilizados na expansão dessa unidade (Tabela 2). Ao se contar somente essa unidade, identificaram-se 1142 fragmentos cerâmicos e 913 peças líticas. Ou seja, trata-se de uma densidade de material muito superior à do sítio Bela Vista.

Tabela 2: Camadas arqueológicas naturais definidas para a área de topo⁹ do o sítio Alto do Laranjal.

Camada	Textura	Compactação	Cor (Escala Munsell)	Vestígios arqueológicos
III	Argilosa	Alta	7.5 YR 3/2	Alta presença
II	Argilosa	Alta	7.5 YR 4/3	Baixa presença
I	Argilosa	Baixa	7.5 YR 4/3	Ausente

Na área de média vertente em que foi identificada a suposta oficina lítica também foi aberta uma Unidade (N1142,7 E1093,7) medindo 2 x 1 m. O material lítico que predominou nessa Unidade foram lascas e núcleos de sílex (de coloração amarela e vermelha), e esse material incluiu desde microestilhas (de 1 mm de comprimento) até blocos (lascados) com mais de 10 cm de comprimento. No nível 25-30 cm foi

⁸ Um total de 23, escavadas com cavadeira boca de lobo, em níveis artificiais de 20 cm.

⁹ No caso da área de oficina, na média vertente, foi identificada uma Camada IV, húmica.

identificada uma grande quantidade de carvão dentro de um círculo de rochas, uma provável estrutura de combustão denominada Estrutura 2 (Figura 7).

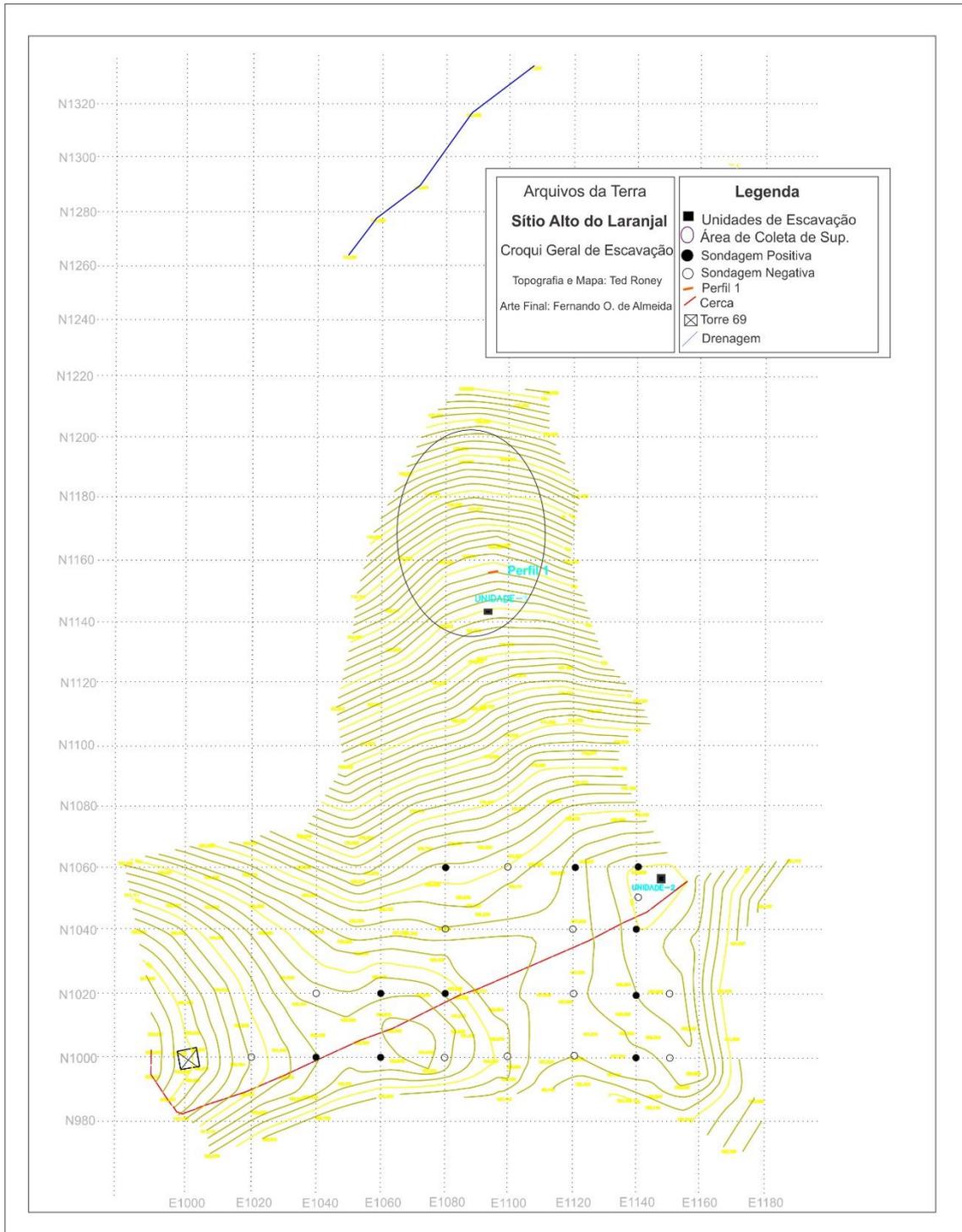


Figura 6: Topografia do sítio Alto do Laranjal e arranjo geral das intervenções arqueológicas.



Figura 7: Escavação da Estrutura 1 nas Unidades N1056 E1145, N1057 E1145, N1056 E1146, N1057 E1146 (Foto: Fernando Ozorio de Almeida).

Alguns metros abaixo da Unidade N1142,7 E1093,7 foi aberto o Perfil 1, tendo sido aproveitada uma área erodida. Esse perfil possuía 2 metros de extensão. A limpeza do Perfil 1 (Figura 7) também evidenciou uma quantidade imensa de material lítico, com alguns milhares de peças por intervalo (de 50 cm) – geralmente lascas de sílex vermelho ou preto, variando entre 1 mm e 15 cm – o que levou os arqueólogos a não realizarem a contagem do material em campo. O material cerâmico foi pouco, mas mais presente do que na Unidade N1142,7 E1093,7.

CRONOLOGIA, ESPAÇO INTRA E INTERSÍTIOS E OS PADRÕES DE ASSENTAMENTO

Cronologia

As atividades de salvamento arqueológico realizadas no sítio Bela Vista foram as mais intensivas dentre os sítios trabalhados, incluindo aí a decapagem de uma área de 70 m². Essa escavação ampla, rebaixada, respeitando os níveis naturais do sítio, permitiu a identificação de quatro estruturas de combustão, sendo que três delas foram datadas. O sítio Alto Laranjal, por sua vez, possui uma área escavada mais reduzida. Ainda assim, foi possível identificar duas estruturas formadas por aglomerados de seixos.

Foram obtidas 4 datações por AMS¹⁰ para os sítios Bela Vista (3 amostras) e Alto do Laranjal (1 amostra). Todas as datas, a serem observadas na tabela 3, foram obtidas por meio de amostras de carvão coletadas nas estruturas de combustão. Os resultados apontam para uma grande proximidade cronológica para ocupação dos sítios, entre cal. 1200 d. C. e 1400 d. C., o que estabelece um quadro bastante consistente para a ocupação humana da região, em especial para as áreas de cristas de serras próximas a nascentes de água, como as áreas em que os sítios se encontram. Das seis estruturas escavadas (quatro no sítio Bela Vista e duas no sítio Alto do Laranjal), apenas duas não foram datadas.

Tabela 3: Datações absolutas obtidas para os sítios Bela Vista e Alto do Laranjal (em ordem cronológica).

Sítio	Nível	Amostra	Nº Beta	Forma de Datação	Material Datado	Idade Convencional	Calibragem 2 sigma
Alto do Laranjal	35-40cm	AL-412-1	368971	AMS	Carvão da Estrutura 2	490+/-30 AP ¹¹	AD 1410 to 1450
Bela Vista	III-IV	BV-322-1	368969	AMS	Carvão da Estrutura 3	550 +/- 30 AP	AD 1320 a 1350 AD 1390 a 1430
Bela Vista	III-IV	BV-115-1	368968	AMS	Carvão da Estrutura 2	650 +/- 30 AP	AD 1280 a 1320 AD 1340 a 1390
Bela Vista	III-IV	BV-443-1	368970	AMS	Carvão da Estrutura 4	800 +/- 30 AP	AD 1190 a 1200 AD 1210 a 1270

Apesar das datações convencionais do sítio Bela Vista apontarem para três momentos distintos, as datações calibradas das Estruturas 2 e 3 são semelhantes e podem sugerir reocupações muito próximas ou talvez até um mesmo evento ocupacional, por volta de cal. 1350 d.C. (Figura 8). Neste último caso, seria mais provável que o conjunto de datas tenha interceptado dois momentos de ocupação do sítio: cal. 1200 d.C. e 1350 d.C. O que tornaria possível sugerir uma correlação entre essas ocupações e as camadas naturais III e IV identificadas para esse sítio. A datação mais antiga obtida para a Estrutura 4, com a data de aproximadamente cal. 1200-1250 d.C., estaria ligada à camada inferior, menos densa (III) quanto à quantidade de material, sugerindo uma ocupação mais rápida, enquanto que as Estruturas 2 e 3 (cal. 1350 d.C. – camada IV) estariam ligadas a uma reocupação mais densa (e provavelmente extensa) do sítio.

Um olhar cuidadoso para as Estruturas e para o contexto do sítio descaracteriza essa inferência. Primeiro, não se pode relacionar diretamente qualquer estrutura a uma camada. As estruturas parecem ter sido escavadas, e muitas vezes interceptam mais de um estrato. A Estrutura 2, por exemplo, possui datas que teoricamente estariam no segundo período de ocupação, devendo assim (segundo a hipótese acima) estar relacionada à camada IV. Sua posição na estratigrafia, todavia, indica que essa estrutura intercepta três camadas (II a IV). Além disso, o fato de a estratigrafia da área de topo em que se encontra o sítio permanecer praticamente inalterada, independente da presença (e.g. N992 E1028) ou ausência (e.g. N992

¹⁰ Espectrometria de Massa com Aceleradores.

¹¹ Antes do Presente.

E1035) de material arqueológico, parece sugerir que as camadas de sedimento no local das ocupações pré-coloniais do sítio Bela Vista foram pouco alteradas por essas ocupações. Constatação que, a priori, inviabiliza correlacionar a estratigrafia do sítio com os períodos de ocupação. Pode-se então apontar para um único pacote arqueológico, presente em duas camadas (III e IV), em que se pode encontrar as duas ou três ocupações arqueológicas. Esse pacote único de material também foi observado nos sítios Itararé escavados por Robrahn (1989, p. 114).

A datação do sítio Alto do Laranjal, cal. 1410-1450 d.C., é proveniente da estrutura de combustão (Estrutura 2, Figura 9) identificada na área de oficina lítica. É possível relacionar essa data com o material proveniente das intervenções realizadas (sondagens e unidade) na alta vertente, uma vez que a cerâmica Itararé também é identificada na área da oficina. Da mesma forma como ocorreu nas estruturas do sítio Bela Vista, a Estrutura 2 do sítio Alto do Laranjal encontra-se entre várias camadas (I a III), o que sugere que também foi escavada. Essa data é um pouco mais recente do que a cronologia proveniente do sítio Bela Vista, ainda que exista a possibilidade de uma sobreposição com relação à datação mais tardia desse último sítio, por volta de 1400 d.C. O que permite inferir que ou os sítios foram ocupados ao mesmo tempo, ou o sítio Alto do Laranjal foi ocupado em um período muito próximo ao da última ocupação do sítio Bela Vista. É certa uma grande movimentação nas áreas de nascente da bacia do Alto Ribeira, por parte dos grupos Jê do Sul, na virada do século XV.

Ao se inserir as datações dos sítios Alto do Laranjal e Bela Vista em um quadro mais amplo, conjuntamente com a cronologia existente para a região do alto e médio rio Ribeira, é possível ver uma grande coerência entre elas (figura 10). Todas as datas encontram-se situadas em um período a partir do 900 d.C., chegando até a época próxima do período de contato. No entanto, ao se ampliar ainda mais o foco, pode-se observar a presença de uma cronologia recente consistente para essa região, sendo que existe um quase consenso entre diversos autores (ARAUJO, 2007, p. 27-28; NOELLI, 1999-2000; 2004, p. 37-38; SOUZA e MERENCIO, 2013, p. 113-114) de que os grupos Jê do Sul teriam entrado no atual Estado do Paraná pelas regiões nordeste do Estado.

Os dados obtidos até o momento para o médio e o alto Ribeira, localizados exatamente no nordeste do Paraná, não corroboram com essa hipótese. Os mesmos dados, todavia, não invalidam o quadro esboçado por Robrahn (1989, p. 152) de que a “ocupação ceramista do médio Ribeira ser derivada de uma situação de conflitos e pressões ocorridas no planalto (paranaense), quando foram empurrados para fora dele – para o litoral, para o sul do país ou áreas periféricas ou de ligação, representadas pelo vale do Ribeira e pelo vale do Itajaí”. Mota (2009, p. 84) sugere que essa pressão ocorreu em virtude da expansão dos grupos Guarani. O autor aponta que com o colapso dos Guarani, no período colonial, os grupos Jê voltariam a se expandir.

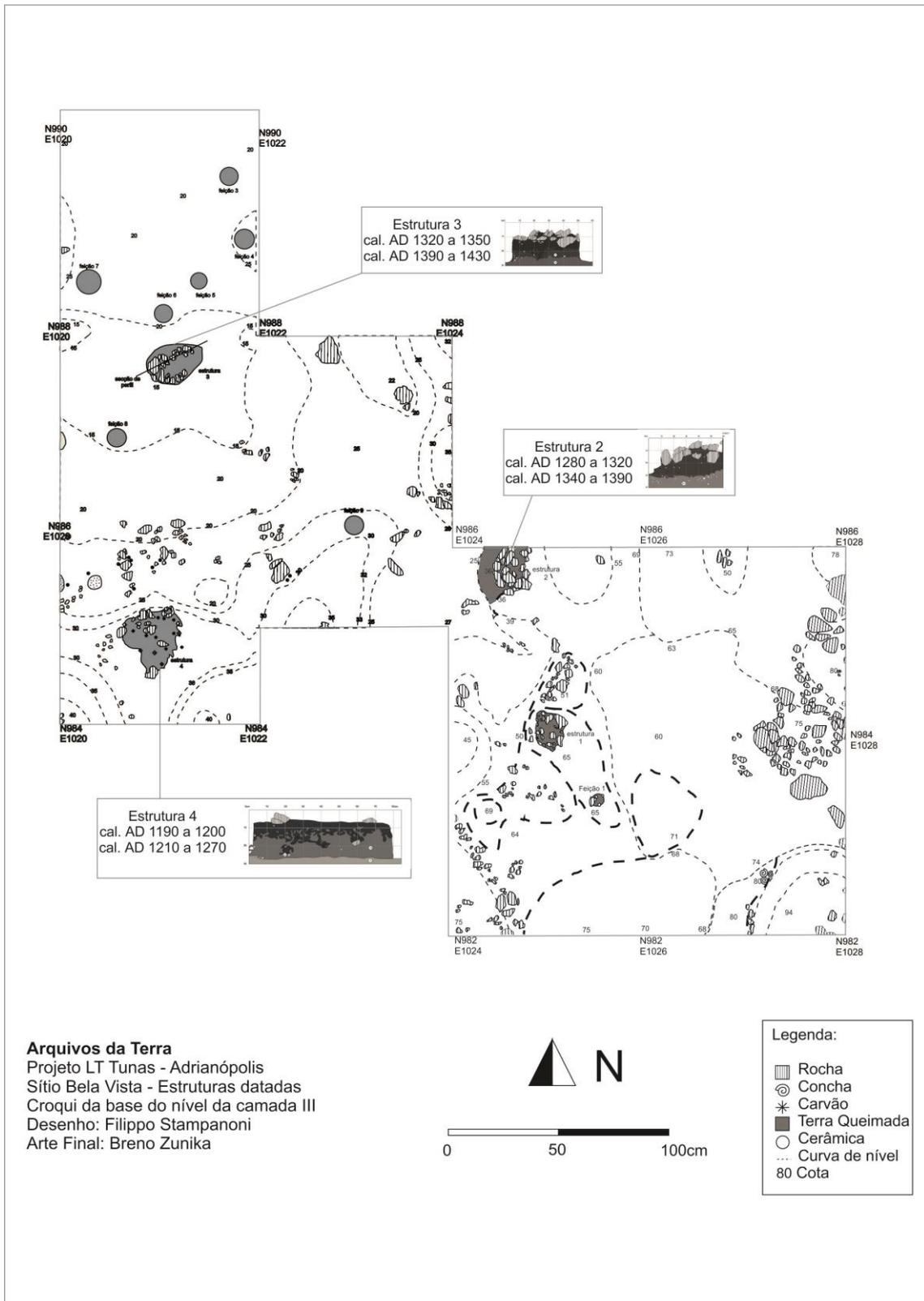


Figura 8: Localização espacial das estruturas de combustão datadas do sítio Bela Vista.

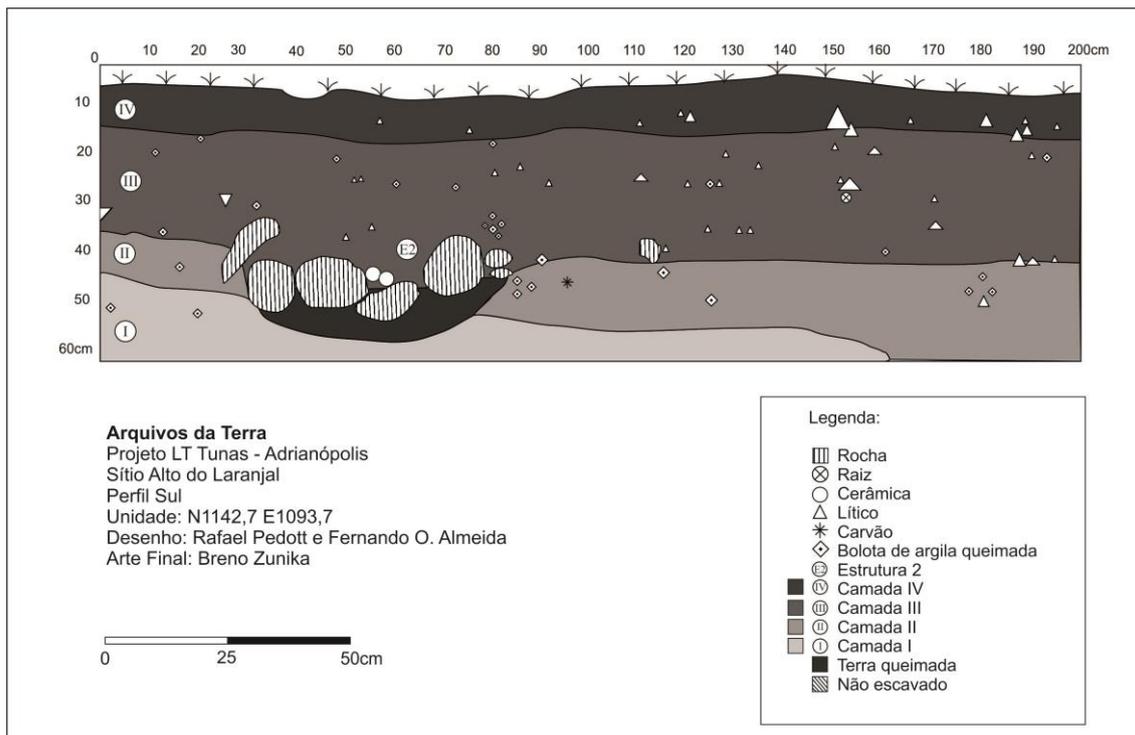


Figura 9: Perfil sul da unidade N1142,7 E1093,7.

Calibrated Age Ranges

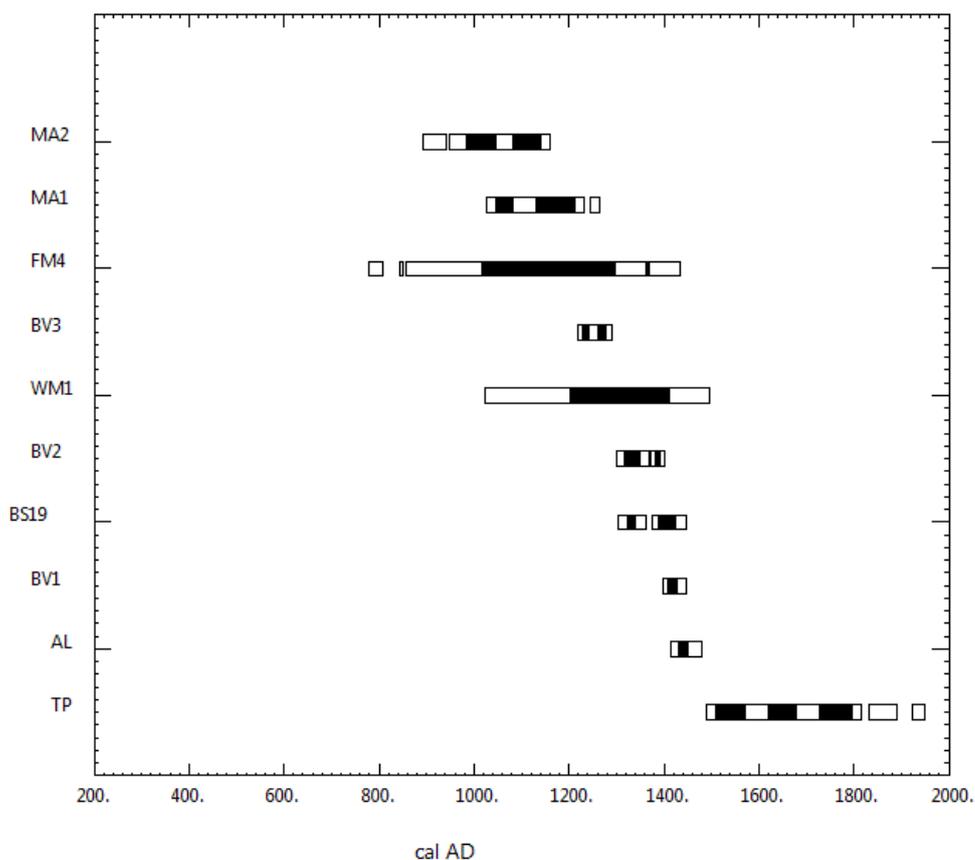


Figura 10: Datações Calibradas (Calib 7.0.2) para o alto e Médio Ribeira (Outras fontes: Chmyz, Sganzerla e Volcov 1999; DeBlasis 1996; Parellada 2005).

Espaço interno do Sítio Bela Vista

“Em suas casas tradicionais (os Kaingang) reúnem-se junto ao fogo, que permanece acesso dia e noite.” (SIMIEMA, 2000, p. 247)

Devido à sua quantidade e à variedade com que são encontrados, os vestígios das antigas fogueiras feitas pelos grupos Jê do Sul têm recebido cada vez mais atenção dos pesquisadores. O conhecimento técnico pelos indivíduos desse grupo para o preparo dessas estruturas permite inferir um controle meticuloso do fogo para diferentes atividades realizadas (AZEVEDO e SCHEEL-YBERT, 2016, p. 406).

Um primeiro ponto que chama a atenção na análise das estruturas de combustão do sítio Bela Vista é que existem conjuntos cerâmicos¹² bastante semelhantes no entorno das Estruturas 3 e 4 (Unidades N988/E1024 e N966/E1022), conjuntos esses formados por 3 ou 4 formas ovaladas e uma tigela rasa (figura 11). A princípio não se observa um conjunto semelhante para a Estrutura 1, apenas com formas ovaladas no seu entorno (Unidades N986 E1028, N984 E1026, N984 E1028), enquanto que a Estrutura 2 possui uma predominância de formas rasas. Entretanto, essa leitura não leva em conta a proximidade entre ambas as estruturas e que, por exemplo, as vasilhas rasas da Estrutura 2 estariam possivelmente ligadas à Estrutura 1¹³. Juntados todos os vasos reconstituídos do entorno das duas Unidades e dividindo aleatoriamente esse conjunto por dois, provavelmente conjuntos muito semelhantes ao observado para as Estruturas 3 e 4 seriam encontrados, com alguns vasos ovalados, com média capacidade volumétrica, para cada exemplar de vaso raso, com baixa capacidade volumétrica. Pode-se assim, grosseiramente, inferir que cada Estrutura do sítio está atrelada a um conjunto mais ou menos homogêneo de vasos.

O que não significa que todos os conjuntos são iguais, havendo sensíveis variações volumétricas entre os vasos, provavelmente relacionados às diferentes funcionalidades deles: armazenar, transportar, preparar, cozinhar, servir e consumir. Tampouco significa que as estruturas são iguais. Há uma clara diferenciação entre elas. Por exemplo, enquanto a Estrutura 1 possui pequenas dimensões (30 cm de diâmetro), e as Estruturas 2 e 3 possuem dimensões medianas (aproximadamente 50 cm de diâmetro), a Estrutura 4 possui os seixos que a compõe mais espalhados (diâmetro acima de 60 cm). Certamente, é a última (Estrutura 4) que possui o maior número de características para ser considerada uma fogueira feita fora de casa. Isso, ao se ponderar que uma fogueira ampla dentro de uma casa necessitaria de muito espaço, o que é improvável dentro da pequena área do sítio. Lavina (1994, p. 112), por exemplo, sugere

¹² Não será apresentada aqui uma discussão sobre a análise cerâmica, que foi realizada a partir de 478 fragmentos diagnósticos (i.e. bordas e bases) do sítio Bela Vista e 263 fragmentos diagnósticos do sítio Alto do Laranjal. Nesses dois sítios foram identificados apenas 4 tipos de formas. Esses tipos foram obtidos pela reconstituição de 38 bordas do sítio Bela Vista e de 28 bordas do sítio Alto do Laranjal. Para guiar as reconstituições foram feitas análises bibliográficas Itararé-Taquara, assim como consultas ao acervo do CEPA. Ainda assim, tais reconstituições não devem ser “lidas” de forma literal, mas como aproximações. Para ver o argumento a favor da inserção das indústrias dos sítios analisados na Tradição Itararé-Taquara, veja Miguel et al. 2015.

¹³ As peças não foram plotadas no local exato em que foram identificadas, sabe-se apenas a unidade e o nível.

que as fogueiras para preparação de alimentos dos Xokleng em geral ficavam fora de casa, e que toda casa possuiria uma fogueira na entrada. Passando para um contexto arqueológico, Azevedo e Scheel-Ybert (2016, p. 412) inferiram que uma fogueira do sítio Pedreira (RS), com aproximadamente 50 cm de diâmetro, estaria na entrada da casa.

De maneira inversa seria possível interpretar a Estrutura 1, de composição compacta, como ideal para ser feita dentro de casa: com poucos riscos de provocar um incêndio. Pode-se pensar que essa estrutura, pelo menos para o aquecimento das pessoas (algo desejável em áreas de topo de serra), seria bastante ineficaz a céu aberto. O uso das rochas seria providencial nesse sentido, pois reteria o calor por mais tempo. Além disso, as rochas são adequadas para servirem de apoio para os potes (AZEVEDO e SCHEEL-YBERT, 2016, p. 413). A presença de fogueiras dentro das casas, para os Xokleng, é apontada para acampamentos de inverno, e elas seriam específicas para o aquecimento das pessoas.

Portanto, se essa realmente era a (única) função da Estrutura 1 (o que não é uma certeza, visto que havia fragmentos de cerâmica associados a ela), a divisão dos conjuntos de cozinha entre ela e a Estrutura 2, sugerida acima, não seria procedente: o conjunto da Estrutura 2 seria muito maior que o encontrado no entorno das Estruturas 3 e 4, e até do que o da Estrutura 1 do sítio Alto do Laranjal (vide abaixo).

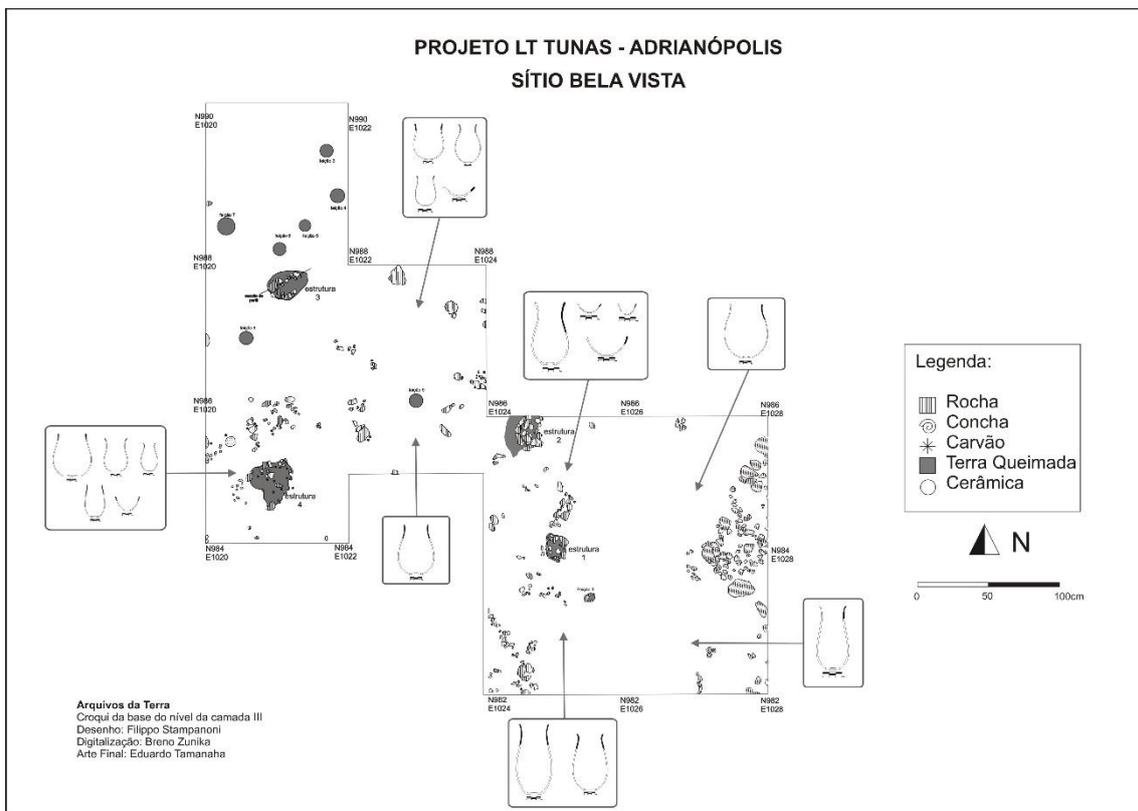


Figura 11: Distribuição das formas reconstituídas dentro de área ampla escavada no sítio Bela Vista.

Se excluída a Estrutura 1, não datada, é possível utilizar a cronologia obtida para as demais Estruturas para prosseguir nossa interpretação. Ao se levar em conta a baixa quantidade de material do

sítio (cf. ROBRAHN, 1989, p. 141), sugerindo que ele não foi densamente ocupado (uma média de 0,5 reconstrução por metro quadrado), e a característica de grande mobilidade apontada para os grupos Jê do Sul, entende-se que as datas apontam para dois ou três períodos de ocupação do sítio. No último caso, em que ocorreriam 3 ocupações, pode-se estabelecer que cada estrutura (2, 3 e 4) representa um período de ocupação do sítio. Por consequência, seria possível inferir que cada conjunto cerâmico ligado a cada uma dessas estruturas também, grosso modo, é referente a uma determinada ocupação. Quadro que condiz com um padrão de ocupação bastante reduzido, talvez até mesmo de uma família nuclear, com número provavelmente inferior a 10 pessoas.

A hipótese de que o sítio Bela Vista foi seguidamente ocupado por uma família nuclear é coerente com o padrão de movimentos dos Kaingang, já que tradicionalmente os grupos se fragmentam: “assim que terminavam as plantações, dirigiam-se, em grupos de familiares, às matas para coleta de frutos, mel, pinhão e larvas (...)” (SIMIEMA, 2000, p. 232). No caso dos Xokleng, essa caracterização é ainda mais didática, em que a fragmentação do grupo não era apenas desejada, como necessária:

Na Mata Atlântica, as estratégias de caça e coleta desenvolvidas exigia uma atomização do grupo, de maneira a cobrir uma área a mais ampla o possível, otimizando a captação de recursos. Devido a isso, os acampamentos eram pequenos e pouco estáveis, abrigando grupos subdivididos em poucas famílias por períodos de tempo poucas vezes superiores a alguns dias. Estes grupos reuniam entre 8 e 30 pessoas (LAVINA, 1994, p. 104-106).

Essa hipótese possui duas fragilidades que precisam ser levadas em conta. Primeiro, só está sendo considerada a área de escavação do sítio Bela Vista. É possível que estruturas recentes no entorno (e.g. casas e estrada) tenham destruído outras áreas de ocupação do sítio. A presença de intervalos entre as áreas com presença de material na crista da serra vizinha, onde se encontra o sítio Alto do Laranjal, mostra que enquanto não for claro se essas ocupações foram sincrônicas ou diacrônicas será difícil construir uma inferência bem fundamentada. O segundo ponto é que a utilização de dados etnográficos recentes (dos Jê do Sul) para as inferências de densidades populacionais pretéritas é problemática e já foi duramente criticada em outros contextos (e.g. ROOSEVELT, 1991). Cabe aos futuros estudos resolver o problema.

Interpretando a Estrutura 1 do Sítio Alto do Laranjal: Análise de Fosfato Total

Durante a escavação da unidade N1056 E1145 do sítio Alto do Laranjal foi identificada a chamada Estrutura 1, composta por uma lente de seixos de granito. A baixa presença de carvão associada à estrutura fez que considerássemos improvável, no momento de interpretar o sítio durante sua escavação, a possibilidade de se tratar de uma fogueira. Essa hipótese, entretanto, não pode ser descartada visto a documentação etnográfica que descreve a presença de “fornos” de grupos Xokleng (Jê do Sul) feitos a partir de camadas de seixos (CHMYZ et al. 2008, p. 6-7). A descrição oferecida por Lavina indica que:

O forno subterrâneo é uma estrutura caracterizada por uma cavidade aberta no solo, com o fundo forrado com seixos. Para a sua utilização, o fogo era aceso dentro da cavidade até os seixos incandescerem. A madeira era retirada e uma camada de folhas era posta dentro da cavidade. A carne de caça ainda com couro era posta em seguida, sendo então coberta por mais folhas e terra (LAVINA, 1994, p. 112-113).

Essa descrição poderia, de certa forma, explicar a baixa presença de carvão na estrutura: haveria uma limpeza da madeira e carvão no momento de colocar a carne para assar. Nesse caso, pode-se supor a existência de uma área no entorno da estrutura com acúmulo de carvão (os vestígios da fogueira), o que não ficou evidenciado por essa escavação, que amostrou apenas uma pequena parte desse entorno.

A grande quantidade de vasos cerâmicos no entorno da estrutura, todavia, indica a impressão de que poderia se tratar de uma estrutura funerária, em que as cerâmicas seriam algum tipo de “oferenda”. Relatos históricos que descrevem a construção de estruturas funerárias por grupos Jê do Sul com a presença de camadas de seixos (e.g. CHMYZ et al. 2008) também contribuem para se aventar tal hipótese.

É possível, entretanto, apontar certa vulnerabilidade para ambos os argumentos. Por exemplo, ao se olhar para o conjunto de formas reconstituídas no entorno dessa estrutura (Figura 12), não parece haver grande diferença com relação ao padrão observado no entorno das estruturas do sítio Bela Vista: um padrão em que para cada fogueira há uma média de 3 vasilhas ovaladas (Formas 1 e 2) para uma tigela rasa (Formas 3 ou 4). Isso, partindo do pressuposto de que um contexto funerário (i.e. ritual) com “oferendas” dentro de vasos cerâmicos possuiria um padrão de vasilhas bastante distinto de um padrão de uso doméstico. Outro argumento que vai contra a hipótese de se tratar de um sepultamento é a existência, no contexto do alto e médio Ribeira (CHMYZ, SGANZERLA E VOLCOV, 1999; ROBRAHN, 1989, p. 126), de sítios específicos para práticas funerárias por parte dos antigos grupos de língua Jê que lá habitavam, como é o caso citado do sítio Morro dos Anjos. Característica também observada etnograficamente entre os Kaingang: “Os rios eram locais onde se recebiam ritualmente os parentes e outras aldeias” (TOMMASINO, 2000, p. 204). A presença de cemitérios, assim como outros sítios utilizados para práticas rituais diversas, como as de iniciação, por exemplo, tem de ser compreendida dentro da sua importância para a caracterização de territorialidade dos grupos que ali habitaram séculos atrás. Isto é, manutenção desse território por meio da combinação de práticas e emoções – e.g. rituais funerários ou de iniciação – através de um período de tempo estendido (MOORE e THOMPSON, 2012, p. 268, 278; ZEDEÑO e ANDERSON, 2010, p. 12). Segundo Tommasino, o território Kaingang:

Também é o espaço onde habitam os espíritos de seus ancestrais e outros seres sobrenaturais. É onde estão enterrados os seus mortos e onde os vivos têm enterrados seus umbigos (TOMMASINO, 2000, p. 210).

Claro que toda essa discussão seria desnecessária se essa estrutura do sítio Alto do Laranjal tivesse sido inteiramente escavada, o que não ocorreu pelo fato dela ter sido identificada apenas nos últimos dias de campo. Na eventualidade de ser um sepultamento, não haveria tempo hábil para realizar

uma exumação adequada do(s) indivíduo(s). Decidiu-se então por escavar somente uma porção (SW) da estrutura e fazer uma coleta de sedimento para análise de Fosfato Total, objetivando confirmar ou não a possibilidade da estrutura ser um sepultamento.

As análises foram realizadas no Laboratório de Caracterização Tecnológica, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Foram comparadas uma amostra de solo obtida da porção escavada da estrutura (coluna do meio da Figura 13: PN 261) com uma amostra de fora da estrutura que foi utilizada como baliza (coluna da direita da figura 13: PN 281).

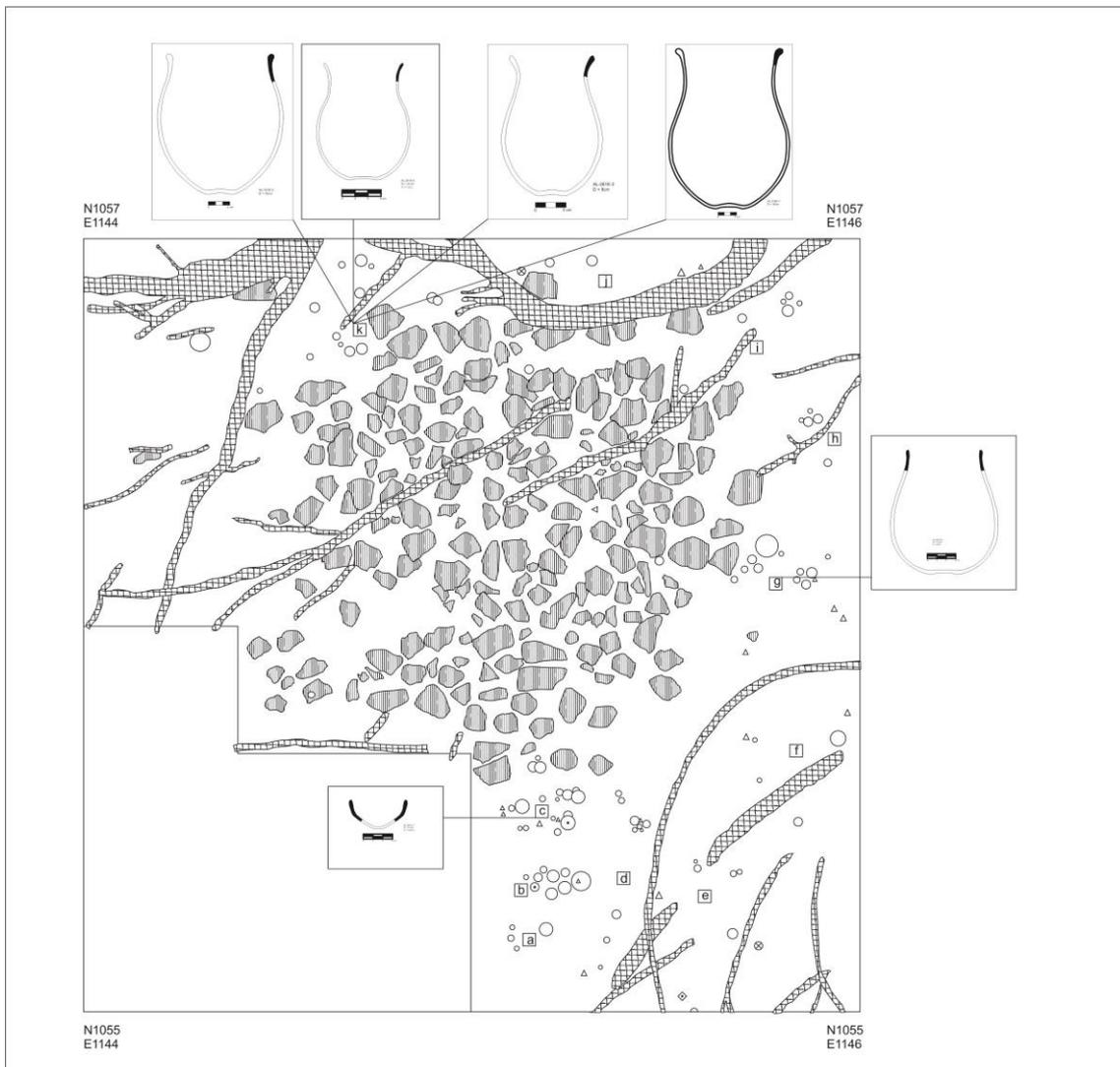


Figura 12: Dispersão das formas no entorno da Estrutura 1, do sítio Alto do Laranjal, parece uma versão levemente ampliada do padrão observado no entorno das estruturas do sítio Bela Vista.

Os resultados foram muito semelhantes para ambas as amostras e apontam, dado mais importante, que a quantidade de fosfato – o principal indicador da presença de vestígios humanos – era baixa em ambas. Fato que, somado aos argumentos antes apresentados, claramente sugere que a Estrutura 1 não é uma estrutura funerária. Sugere-se então, até que surja uma hipótese melhor, que a Estrutura 1 era uma estrutura de forno semelhante ao observado etnograficamente para os grupos

Xokleng. Nesse caso, seria igualmente adequado perguntar: não haveria uma diferenciação química com relação a áreas de entorno?



Figura 13: Áreas em que foi realizada coleta de sedimento para análise de fosfato, no entorno da Estrutura 1 (ao centro), sítio Alto do Laranjal.

Seja qual for a verdadeira função da Estrutura 1 do sítio Alto do Laranjal, pode-se inferir que os ocupantes desse sítio não precisavam andar longas distâncias para conseguirem seixos de granito e argilito semelhantes aos utilizados nela. Foi identificada uma fonte de matéria-prima dentro do sítio (vide MIGUEL et al., 2014).

Todavia, a existência de uma oficina lítica no sítio Alto do Laranjal claramente aponta para a relação desse sítio com a execução de uma atividade específica: o lascamento de ferramentas a partir de rochas. Além da oficina, foi possível identificar a fonte da matéria-prima para a obtenção de sílex, a principal matéria-prima utilizada para o lascamento. Trata-se da área de nascente que separa os sítios Alto do Laranjal e Bela Vista (Figura 13). Pode-se apontar que existe uma diferença de quase 150 metros de altitude entre a nascente, fonte de matéria-prima, e o sítio Bela Vista. Com relação à provável área de habitação do sítio Alto do Laranjal (i.e. o topo da serra), essa diferença é menor, aproximadamente 100 metros de altitude. Além disso, é necessário apontar que a localização da área da oficina na média vertente da serra possui a vantagem de que os grandes blocos não precisavam ser carregados até as áreas de topo já que o material era trabalhado na metade do caminho. Espera-se que as análises comprovem que há uma significativa diferença na dimensão dos líticos encontrados na média vertente (com presença de peças muito maiores) com relação à área de topo.

Da Unidade N1142,7 E1093,7, dentro da área de oficina, e onde foi identificada a Estrutura 2: ao observar os perfis E e W, constatou-se que a base da camada arqueológica (fim da camada II, começo da camada I) não acompanhava a declividade do morro, ao contrário do que havia ocorrido no final da camada III. A base da camada arqueológica era sim paralela ao nível artificial da nossa escavação, um forte indicativo de que o local foi propositadamente aplainado para ser utilizado para a realização das atividades de lascamento e montagem da fogueira referente à Estrutura 2 (Figura 14).



Figura 14: Vista da Estrutura 2, encontrada no nível 25-30 cm da Unidade N1142,7 E1093,7. No detalhe é possível observar o afinamento da espessura da camada escura, aparentemente aplainada de forma artificial (**Foto:** Fernando Ozorio de Almeida).

A mesma fonte de sílex pode ter sido explorada pelos ocupantes do sítio Bela Vista durante a ocupação desse sítio. Afinal, é justamente nessa nascente, que separa os dois sítios (Bela Vista e Alto do Laranjal), onde se encontram os grandes nódulos de sílex utilizados para lascamento. Da mesma forma, nada impede que a própria oficina lítica também não tenha sido utilizada durante a ocupação do sítio Bela Vista, mesmo antes que as áreas de topo do sítio Alto do Laranjal tenham sido habitadas. O que é certo é que a área da oficina foi intensamente utilizada: a densidade do material lascado (com provável contribuição do pisoteio bovino) em uma área de dimensões consideráveis argumenta a favor dessa ideia. O trabalho de se aplainar uma área, para deixá-la mais adequada para seu uso como oficina, e a presença de uma estrutura de combustão também contribuem para que se descarte a ideia de um uso expedito do local.

Também digno de nota é o fato de que a composição argilosa do sedimento superficial dos dois sítios (camada III e IV dos sítios) possuía algumas características (i.e. uma cor marrom-avermelhada e a presença de quartzo e mica na composição) que eram extremamente semelhantes às observadas nas pastas dos vasos. Apesar de ainda não terem sido realizados testes químicos para demonstrar que os potes dos sítios foram feitos com a argila local, há a informação de uma oleira local de que a argila daquela região é extremamente adequada para a manufatura cerâmica. Ou seja, existe a possibilidade de que a área dos sítios, além de ter sido utilizada para a obtenção de ferramentas líticas, tenha sido utilizada para a produção de vasos cerâmicos.

Pode-se também apontar para uma composição química do solo (Figura 13) extremamente adequada para o plantio: altas quantidades de Óxido de Cálcio (CaO) e de Magnésio (MgO). A estabilidade da acidez do sedimento provocada pela presença desses elementos não passou despercebida pelos atuais ocupantes da região de entorno dos sítios (em especial, do sítio Bela Vista), que utilizam até mesmo vertentes com alta declividade para o plantio de feijão e mandioca. Certamente, também foi notada pelos grupos indígenas que preteritamente ocuparam o local. Ou, seja, as possibilidades funcionais dos sítios se ampliam ainda mais. Criatividade para aproveitá-las, já se sabe, certamente não era o problema.

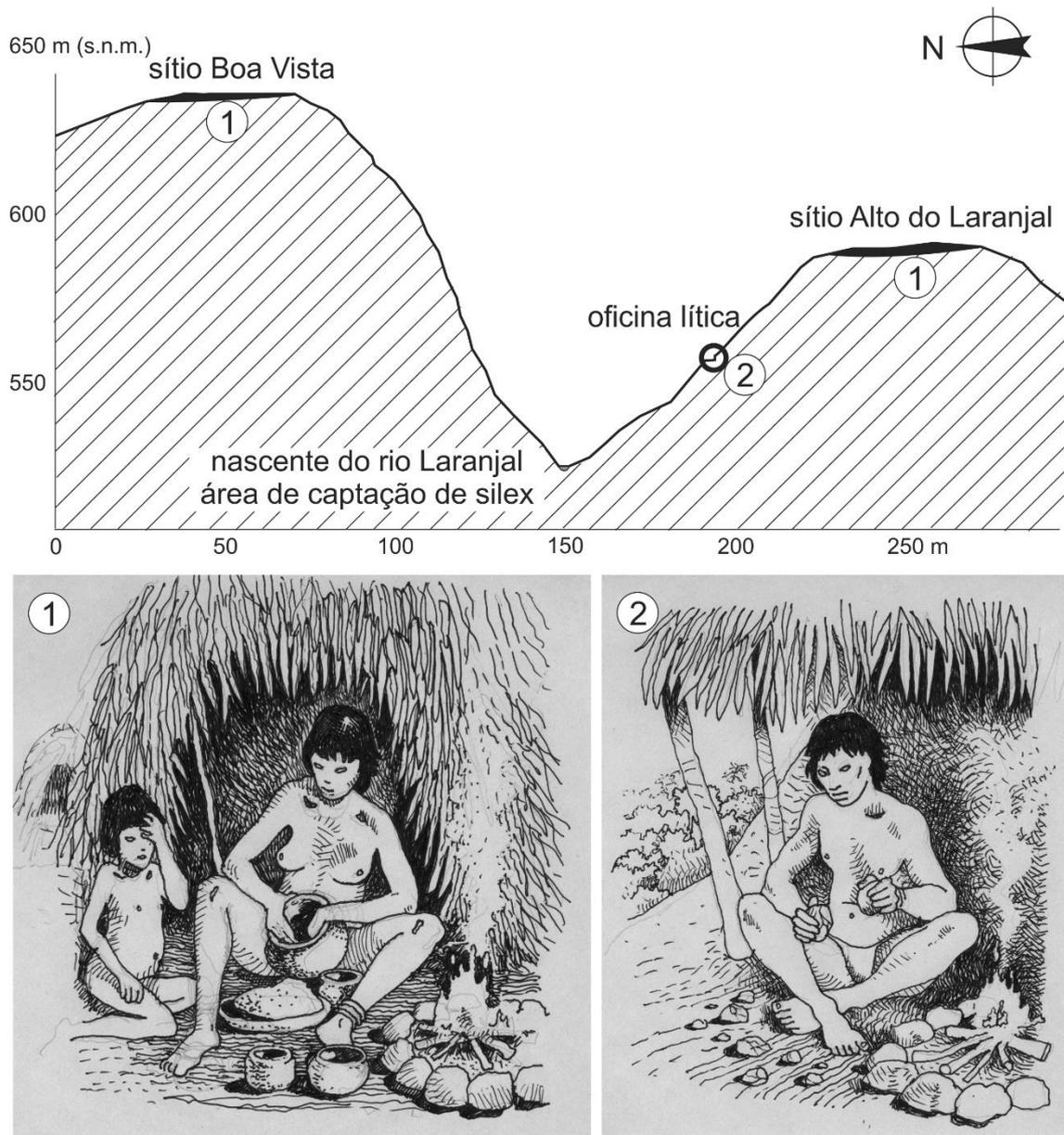


Figura 15: Reconstituição de diferentes formas de utilização dos espaços entre os sítios Bela Vista e Alto do Laranjal (Arte: Alberto Stampanoni e Filippo Stampanoni).

CONCLUSÕES

O presente artigo apresentou as atividades realizadas e as primeiras interpretações dos sítios Bela Vista e Alto do Laranjal, localizados em cristas de serras e na média vertente de uma área de nascentes da bacia do alto Ribeira. Metodologicamente, pode-se notar que foram feitas diferentes escolhas – coleta de superfície ou tradagem para a delimitação, escavação por níveis artificiais ou naturais, abertura de superfícies amplas ou limpezas de perfil – buscando adequação aos diferentes problemas surgidos ao lidar com espaços em que o abrupto é regra.

As interpretações foram baseadas, em especial, nas estruturas de combustão identificadas nos dois sítios. A análise dessas estruturas permitiu realizar inferências sobre a cronologia de ocupação da área e da região, do padrão de ocupação dos sítios, das possibilidades de exploração do entorno, dos espaços internos dos sítios, incluindo áreas de atividade específicas, assim como da própria funcionalidade das estruturas.

Os estudos demonstram que a variabilidade topográfica da região é, de certa maneira, acompanhada por uma variabilidade no uso dos espaços por parte das populações indígenas pretéritas que ocuparam a área. Os dados regionais, em especial as datas antigas do sítio Morro dos Anjos, sugerem que a ocupação das margens do Ribeira ocorreu antes (1000 d.C.) das áreas de topo. Entre 1200 e 1400 d.C., o domínio da região se torna completa, com a ocupação de áreas de cristas de serra e das nascentes de rios que compõem a bacia do alto rio Ribeira.

Além da caça e da coleta, essas áreas de topo serviram para a captação de recursos, como o sílex para a produção de artefatos líticos e talvez a argila para a produção cerâmica. A presença de pilões no sítio Alto do Laranjal também sugere o processamento local de alimentos. A qualidade da argila local oferecia aos grupos que ocupassem a área a possibilidade de produzir seus vasos cerâmicos no local. Independente da atividade realizada, os ocupantes dos sítios, provavelmente antigos falantes de línguas Jê, quase sempre possuíam fogueiras por perto. Tais fogueiras, muitas vezes, servem de porta de entrada para a compreensão dessas atividades, e foi a abertura de algumas dessas portas que este artigo objetivou realizar.

Agradecimentos

Ana Carolina Azeredo, Elissandro Voight Bauer, Eduardo Kazuo Tamanaha, Márjorie Lima, Alberto Stapanoni, Breno Zúnica, IPHAN-PR, CEPA (Laércio Brochier e Igor Chymz), Margem Mineração, Soma Consultoria Ambiental, LCT-POLI-USP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. A tradição cerâmica Itararé-Taquara: características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. *Revista de Arqueologia*, v. 20, p. 9-38, 2007.
- AZEVEDO, Leonardo Waisman; SCHEEL-YBERT, Rita. Economia de Combustíveis e Tecnologia de Fogueiras em Sítios Proto-Jê do Sul. *Cadernos do Lepaarq*, v. XIII, n. 25, p. 402-424, 2016.
- BARRETO, Cristiana Nunes G. A Ocupação Pré-Colonial do Vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios concheiros do médio curso. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- BITENCOURT, Ana Luiza Vietti; KRAUSPENHAR, Patrícia Maria. Possible Prehistoric Anthropogenic Effect on *Araucaria Angustifolia* (Bert.) O. Kuntze Expansion. *Revista Brasileira de Paleontologia*, v. 9, n. 1, p. 109-116, 2006.
- CHMYZ, Igor; SGANZERLA, Eliane Maria; VOLCOV, Jonas Elias. Arqueologia da área prioritária projeto hidroelétrico Tijuco Alto. Rio Ribeira – São Paulo – Paraná. Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná (CEPA/UFPR). Curitiba, 1999.
- CHMYZ, Igor; SGANZERLA, Eliane Maria; VOLCOV, Jonas Elias; BORA, Eloi; CECCON, Roseli Santos. Arqueologia da Área da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul – Paraná. *Revista do CEPA*, edição especial, v. 6, p. 1-147, 2009.
- COPÉ, Sílvia Moehlecke. Narrativas Espaciais das Ações Humanas. História e aplicação da arqueologia espacial como teoria de médio alcance: o caso das estruturas semi-subterrâneas do planalto Sul-brasileiro. *Revista de Arqueologia*, v. 19, p. 111-123, 2006.
- CORTELETTI, Rafael. Projeto Arqueológico Alto Canoas – Paraca: Um Estudo da Presença Jê no Planalto Catarinense. (Tese de Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- DEBLASIS, Paulo Antônio. Bairro da Serra em Três Tempos: arqueologia, uso do espaço e continuidade cultural no médio vale do Ribeira. (Tese de Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- GOTTARDI NETO, Alberto. Análise Cerâmica do Projeto Cavernas de Morro Azul. *Revista do Museu de Arqueologia*, v. 5, p. 63-76, 1995.
- LAVINA, Rodrigo. Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos. (Dissertação de Mestrado) – UNISINOS, São Leopoldo, 1994.
- MAACK, Reinhard. Breves notícias sobre a geologia dos estados do Paraná e de Santa Catarina. *Arquivos de Biologia e Tecnologia*, p. 63-154, 1947.

- MIGUEL, Rucirene et al. Projeto de Pesquisa: Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial, Linha de Transmissão 138 kV Tunas – Adrianópolis, municípios de Tunas do Paraná e Adrianópolis, PR. São Paulo, SP, 2013.
- MIGUEL, Rucirene et al. Relatório de Campo: Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial Linha de Transmissão 138 kV Tunas – Adrianópolis. MIGUEL, R.; ALMEIDA, F. O. (Org.). São Paulo, SP, 2014.
- MIGUEL, Rucirene et al. Relatório Final (Laboratório): Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Resgate Arqueológico e Educação Patrimonial Linha de Transmissão 138 kV Tunas – Adrianópolis. MIGUEL, R.; ALMEIDA, F. O. (Org.). São Paulo, SP, 2015.
- MINEROPAR Minerais do Paraná. Atlas Geomorfológico do Estado do Paraná. Escala Base 1:250.000 - Modelos Reduzidos 1:500.000. Curitiba, 2006.
- MOORE, Christopher. R.; THOMPSON, Victor. D. Animism and Green River Persistent Places: a dwelling perspective of the Shell Mound Archaic. *Journal of Social Archaeology*, v. 12, n. 2, p. 264-284, 2012.
- MOTA, Lúcio Tadeu. A Guerra dos Índios Kaingang: A História Épica dos Índios Kaingang no Paraná (1769-1924). Maringá: EDUEM, 2009.
- NOELLI, Francisco Silva. A Ocupação Humana da Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872-2000. *Revista USP*, v. 44, p. 218-269, 1999-2000.
- NOELLI, Franciso Silva. O Mapa Arqueológico dos Jê do Sul do Brasil. In: TOMMASINO, K.; MOTA, L. T.; NOELLI, F. S. (Org.). *Novas Contribuições aos Estudos Interdisciplinares Kaingang*. Londrina: Eduel, 2004, p. 17-57.
- PARELLADA, Cláudia Inês. Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná. (Tese de Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- ROBRAHN, Erika Marion. A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- ROOSEVELT, Ana C. Determinismo Ecológico na Interpretação do Desenvolvimento Social Indígena da Amazônia. IN: NEVES, Walter Alves (Org.). *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Belém: MPEG, CNPq, SCT/PR, 1991, p. 103-141.
- SIMIEMA, Janir. Em que Abrigos se Alojaram Eles? IN: MOTA, LúcioTadeu; NOELLI, Francisco Silva; TOMMASINO, Kimiye. (Org.). *Uri e Wãxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang*. UEL: Londrina, 2000, p. 227-260.
- SOUZA, Jonas Gregório; MERENCIO, Fabiana Terhaag. A Diversidade dos Sítios Arqueológicos Jê do Sul no Estado do Paraná. *Cadernos do LEEPARQ*, v. 20, p. 93-130, 2013.

- TOMMASINO, Kimiye. Território e Territorialidade Kaingang: resistência cultural e historicidade de um grupo Jê. IN: MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva; TOMMASINO, Kimiye (Orgs.). Uri e Wãxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang. UEL: Londrina, 2000, p. 191-226.
- ZEDEÑO, Maria Nieves; ANDERSON, Derek. Agency and Politics in Hunter-Gatherer Territory Formation. Revista de Arqueologia, v. 23, n. 1, p. 10-29, 2010.

Recebido em:27/04/2017
Aprovado em:21/05/2016
Publicado em:29/06/2017